



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Let-01440 - MONOGRAFIA

STANDARD E SUBSTANDARD NO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS

Lucas Löff Machado

Prof. Orientador:
Cléo Wilson Altenhofen

Porto Alegre, 16 de dezembro de 2013.

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Elisa Battisti

Prof. Dr. Gerson Neumann

Trabalho monográfico apresentado em 16 de dezembro de 2013.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Capítulo 1 – ORIENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1 <i>Standard</i> e <i>substandard</i> no contínuo linguístico.....	11
1.2 Língua e sociedade: variação pluridimensional.....	13
1.3 Dimensão <i>diamésica</i> : relação entre o meio falado e escrito.....	16
1.4 <i>Standard</i> e <i>substandard</i> em situação de contato linguístico e multilinguismo.....	17
1.4.1 Coineização.....	18
1.4.2 Funcionalização das variedades: diglossia.....	19
1.4.3 <i>Dachsprachenwechsel</i> : substituição da língua-teto.....	21
1.4.4 <i>Language shift</i> : substituição linguística.....	24
Capítulo 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	25
2.1 Foco do estudo.....	25
2.2 Princípio da pluridimensionalidade e base de dados.....	25
Capítulo 3 – ANÁLISE DOS DADOS.....	28
3.1 Meio escrito.....	28
3.1.1 Imprensa: almanaques, jornais, revistas e materiais didáticos.....	28
3.1.2 Manuscritos: cartas e atas.....	31
3.1.3 Inscrições no espaço público: lápides e placas.....	32
3.1.4 Escrita no espaço familiar: <i>Wandschoner</i> (<i>protetores de parede</i>), <i>Bücher</i> (livros) e <i>Postkarten</i> (<i>cartões postais</i>).....	33
3.2 Meio falado.....	34
3.2.1 Contexto escolar: ensino <i>em</i> alemão e ensino <i>de</i> alemão.....	34
3.2.2 Contexto religioso: o sermão e o canto.....	36
3.2.3 Rádio.....	37
3.2.4 Outros usos da variedade <i>standard</i>	40
3.3 Resumo.....	41
Considerações finais.....	43
Referências bibliográficas.....	44
Anexos.....	47

INTRODUÇÃO

A presente monografia de conclusão de curso ocupa-se com o tema da presença da variedade *standard* do alemão como língua de imigração em comunidades de contato hunsriqueano-português, no sul do Brasil, investigadas pelo projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*).¹ A variedade *standard* é referida pelos membros dessas comunidades como *Hochdeutsch*, ou *Hochdeitsch* (Hdt), conforme a variante *substandard* do Hunsrückisch (pt. hunsriqueano, abreviado hrs.) falada na localidade. Por *Hunsrückisch* entendemos uma variedade dialetal do alemão como língua de imigração que tem sua origem no contínuo dialetal de base francônio-moselana [mais próximo do eixo dialetal] e francônio-renana [mais próximo do eixo *standard*] e que, considerando as migrações e contatos linguísticos com outras variedades, no novo meio, especialmente de uso do português, incorpora novas variantes, em todos os níveis (fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático) – cf. Altenhofen (1996)

Para precisar melhor o tema da pesquisa, cabe, no entanto, distinguir adicionalmente a noção de “alemão *standard*”. Consideram-se, para tanto, três níveis de distinção, cf. Altenhofen (2013):

1º) inicialmente, é preciso distinguir entre um “alemão *standard* local”, que chamamos de *Hochdeutsch* (Hdt) e que é efetivamente realizado na comunidade, em grau variável, mas que não coincide necessariamente com a norma abstrata do “alemão-padrão distante”, associado com o “alemão da Alemanha”, o qual denominamos, de acordo com Altenhofen (2013), como *Standarddeutsch* (StDt). Em certo sentido, esta distinção é similar à distinção feita por Faraco (2008) entre norma culta (equivalente aqui ao Hdt, como o normal) e a norma-padrão (equivalente ao StDt, como forma abstrata e idealizada de um padrão linguístico). Como esta distinção se manifesta no uso e percepção do alemão pelos falantes dessas comunidades, e em quais situações, constitui o ponto-chave a ser analisado e debatido neste trabalho de conclusão de curso.

¹ O presente estudo originou-se do trabalho realizado como bolsista de iniciação científica PROBIC-FAPERGS, neste projeto.

2º) Tanto o Hdt. quanto o StDt. precisam ser considerados na sua realização escrita e falada. Isso engloba uma série de situações e contextos de uso mais formal da língua, que serão analisados neste estudo. Pensamos no meio escrito, em exemplos como impressos, cartas de imigrantes, inscrições em sepulturas, *Wandschoner* (protetores de parede), cartazes, rótulos, atas etc. No meio falado, em situações como programas de rádio, sermões em igrejas, canto em coral etc. Essa relação entre meios distintos, fala e escrita, integra o que denominamos de *dimensão diamésica* (cf. KOCH & OESTERREICHER, 2013[1985]).

3º) Por fim, cabe distinguir um *c o n t í n u o v a r i a c i o n a l* que abrange, segundo Bellmann (1983), dois níveis fundamentais do eixo vertical, a saber o nível *standard* ou norma-teto (*Überdachungsnorm*) e o nível *substandard*. O uso da língua – ou melhor, a escolha de determinada variante, mais próxima de um ou de outro extremo do contínuo – é variável e está condicionada a fatores como a localidade/contexto geográfico (dimensão diatópica), a situação de comunicação (dimensão diafásica) e o nível de escolaridade dos falantes (dimensão diastrática), além de refletir aspectos da faixa etária (dimensão diageracional) e do gênero (dimensão diagénica). Na dimensão diamésica, que destacamos no 2º ponto, o meio escrito se associa comumente ao *standard*, pois quando se escreve, de um modo geral, busca-se escrever na variedade *standard*. Já a fala formal oscila entre uma escolha em situação formal, e em situação coloquial.

Estas distinções, que por ora são mencionadas apenas para precisar com mais clareza nosso objeto de estudo, serão definidas em maiores detalhes no capítulo 1.

Em virtude das limitações de tempo e espaço inerentes a um Trabalho de Conclusão de Curso, iremos nos centrar apenas nos aspectos sociológicos do uso escrito e falado da variedade *standard* do alemão (cf. ALTENHOFEN, 2004), sem preocupação sobre o *como* escrevem, leem ou falam o alemão *standard*, mas sim *quando, onde, quem* escreve, lê ou fala a variedade *standard* do alemão, em contextos de contato com o português. Esse recorte também reflete o estágio de minha formação, em que é muito importante contextualizar inicialmente o problema, para preparar melhor a pesquisa ao nível do Mestrado, com início previsto para 2014-1. Em outras palavras, nosso propósito inicial é definir o escopo da pesquisa

em termos de contribuição para, antes de tudo, **situar o problema e chamar a atenção para a inclusão do nível [+standard] do contínuo variacional**, e não apenas reproduzir o mito de que “só se fala dialeto”, de que “não tem mais alemão”, de que é [+dialeto], ou [+português], também visto como [+misturado].

Por muitas vezes a escola, deixando de considerar o contínuo em sua integralidade, deixou também de explorar positivamente, no ensino da variedade *standard*, o pré-conhecimento do aluno na variedade *substandard* (STEFFEN, 2008). Esse pré-conhecimento manifesta-se tanto no meio escrito quanto falado, e nos mais diversos contextos; um exemplo simples que ilustra essa situação é o conhecimento de sobrenomes como Schmitt, Zimmermann, Schneider, em Hdt. De modo análogo, as próprias pesquisas anteriores também enfocaram a parte *substandard* do contínuo, não se ocupando de sua totalidade. Para um estudo que leva em conta a língua usada em um contexto plurilíngue, é imprescindível considerar o contínuo como um todo, pois o contato linguístico presente nessas comunidades se realiza também através do contato entre diferentes níveis do contínuo. No espaço escolar, por exemplo, o aluno falante de hrs. (*Umgangssprache*) entra em contato com o StDt ou Pt, o que é comprovado no caso do Pt, pelo fato de os informantes de gerações mais velhas terem aprendido português somente ao ingressarem na escola.

Constituem, por isso, os objetivos da presente monografia:

a) analisar qualitativamente a presença escrita e falada do Hdt e do StDt em comunidades investigadas pelo projeto ALMA-H;

b) identificar as implicações teóricas para a pesquisa da variação de línguas de imigração, considerando distinções como as que mencionamos acima e distinções metodológicas, sobretudo a do contínuo linguístico como um todo.

c) favorecer uma compreensão da variação linguística decorrente principalmente dos contatos entre variedades, utilizando para isso uma abordagem macroanalítica (ver rede de pontos do Projeto ALMA, em anexo). Em outras palavras, contribuir para o estudo da variação linguística e da variedade *standard* em contextos de contato linguístico.

Disso decorrem as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Em que medida o alemão *standard* está presente na fala e na escrita das comunidades de fala hunsriqueana?
- 2) Como os níveis *standard-substandard* do contínuo se relacionam com variáveis como localidade (*dimensão diatópica*), nível de escolaridade (*dimensão diastrática*) e faixa etária (*dimensão diagenérica*)?
- 3) Em que medida o contato entre variedades distintas reforça ou inibe a presença da variedade *standard*?

Com isso, o presente estudo prepara o caminho para um aprofundamento das questões centrais, em uma dissertação de Mestrado, a iniciar em 2014-1. Para responder a essas perguntas, o presente trabalho de conclusão de curso utiliza os fundamentos básicos da dialetologia pluridimensional e contatual (THUN, 2009), embora esteja longe ainda de implementar um estudo macroanalítico, em sentido exato. Desempenha papel central para orientar a análise o princípio da pluridimensionalidade, pelo qual se procura organizar o “aparente caos” da variação e diversidade linguística em diferentes dimensões de análise. Entre essas dimensões, destaco a *dimensão diatópica* (variação espacial configurada pelas localidades), *dialingual* (relação entre bilíngues e monolíngues ou entre variedades linguísticas distintas), *diastrática* (níveis de escolaridade variados), *diageracional* (faixas etárias distintas) e *diafásica* (relação entre diferentes estilos de uso da língua), além da *dimensão diamésica* (variação e correlação entre o meio escrito e falado).

A análise está concentrada sobre os dados de localidades investigadas pelo Projeto ALMA-H, no qual atuei como bolsista de iniciação científica de 2011 a 2013. Formam a rede de 41 pontos do ALMA-H localidades, distribuídas pelo sul e centro-oeste do Brasil (RS, SC, PR e MT), parte da Argentina (Misiones) e do Paraguai. Durante as atividades que desempenhei como bolsista PROBIC-FAPERGS, além de acompanhar saídas de campo a algumas localidades² e auxiliar nas entrevistas, tive a oportunidade de interagir diretamente com os dados do Projeto, orais e escritos. Em função das limitações do trabalho, consideramos em nossa análise, sobretudo, os dados escritos que constituem o acervo iconográfico do ALMA, incluindo fotos e materiais digitalizados, entre os quais destaco:

1) Acervo de fotos (inscrições tumulares e em igrejas, *Wandschoner* (protetores de parede), impressos como jornais, almanaques e santinhos) e

2) Acervo de documentos (atas de reuniões, cartas, documentos em geral) coletados juntamente com as entrevistas em museus e acervos públicos, ou pessoais, de informantes.

Como hipóteses iniciais, levando em conta a pluridimensionalidade da análise e os objetivos estabelecidos, sobre a presença da variedade *standard* em comunidades de falantes de Hrs, tem-se que

a) na dimensão diamésica, o uso de StDt e de Hdt predomina em contextos mais formais, especialmente no meio escrito e, no caso do meio falado, em contextos e eventos institucionais, como a igreja e agremiações (p.ex. sermões e orações, ou atas de “sociedade de canto” [*Gesangverein*]);

b) na dimensão diageracional, observa-se uma perda das competências e usos das variedades *standard* da geração mais velha para a mais jovem, sendo que

c) na dimensão diastrática, se pode hipotetizar uma revitalização da variedade *standard*, entre os jovens de classe socioculturalmente mais elevada (CaGI), que no entanto varia conforme

d) na dimensão diatópica, em localidades com ensino de alemão e acesso a eventos de letramento em Hdt, bem como de presença do tipo *Deutsch* do Hrs (v. ALTENHOFEN 2013, MEYER 2009).

Neste TCC, não terei condições de comprovar todas estas hipóteses, mas vale destacá-las para a sequência do trabalho e, de modo especial, identificar os contextos de uso escrito e falado, em que a presença do Hdt e do StDt é mais evidenciada em nossos dados (hipótese a)). A questão da competência escrita em StDt remete aos primeiros anos da imigração alemã no sul do Brasil, pois muitos dos imigrantes já eram alfabetizados devido à obrigatoriedade da escola pelo governo prussiano. A hipótese mais clara para a diminuição do uso do alemão nos dois meios foram as políticas de nacionalização emitidas pelo governo do Estado Novo (1937-1945) e a

² Especialmente, Horizontina (RS21), São José do Inhacorá (RS20) e Santo Cristo (RS22), na região das Missões, e Harmonia (RS07), nas Colônias Velhas.

Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Pela ótica da diacronia, observa-se a partir de então uma queda considerável no número de publicações em alemão, bem como de escolas com ensino em alemão, que passaram a ensinar apenas a “língua da nação”.

A estrutura deste TCC divide-se em três partes. Primeiramente, retomarei a discussão dos aspectos teóricos de forma mais detalhada, visando o melhor entendimento pelo leitor/pesquisador; em seguida, tratarei dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e, por fim, analisarei os dados, procurando responder às perguntas de pesquisa propostas mais acima.

CAPÍTULO 1 - ORIENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 *Standard e substandard no contínuo linguístico*

A relação *standard-substandard* nas comunidades investigadas neste trabalho não pode ser limitada a uma ou outra das variedades. Os falantes dessas comunidades trouxeram consigo não apenas uma variedade, mas um contínuo variacional inteiro. Se não bastasse isso, entraram em contato com variedades diferentes no novo território. O contínuo pode ser compreendido em termos de uma variedade “teto” ou *Standard* (StDt ou Hdt), sob a qual seguem variedades que integram o nível *Substandard*, conforme mostra o esquema a seguir, adaptado de Bellmann (1983):

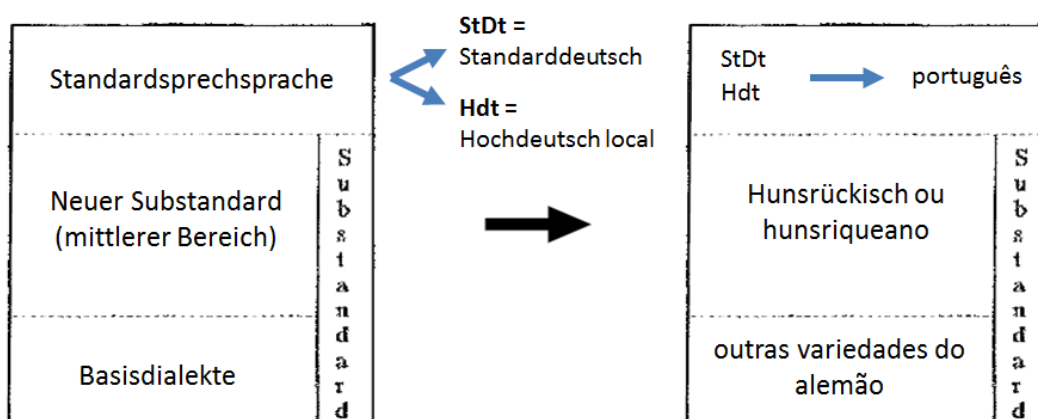


Fig. 1 – Contínuo variacional, adaptado de Bellmann (1983 *apud* HORST 2013, p. 114), para o Hrs.

O contínuo linguístico variacional compreende um conjunto de variedades linguísticas entre os níveis *standard* e *substandard*. Enquanto no ambiente familiar se falava a variedade mais próxima do nível *substandard*, no contexto religioso o normal era o uso da variedade *standard*. Segundo Altenhofen (1996), esse fenômeno (ver *diglossia* mais abaixo) preservou o Hrs mesmo após o Estado Novo, quando foi proibido falar alemão em ambientes públicos, permanecendo o alemão restrito ao seu uso no ambiente familiar, onde ainda encontrou refúgio.

De acordo com Auer (2003, p. 2), a variedade *standard* engloba três características essenciais:

- 1) Uso por falantes com **competência em mais de uma variedade;**
- 2) *Status* de **variedade alta e uso na escrita;**
- 3) Elaboração com **suporte institucional.**

Embora tenhamos que retomar estes aspectos na análise, nós já podemos transpor essas características para o nosso contexto de pesquisa, a partir dos seguintes exemplos:

- 1) *Hdt* ao lado de variedades do alemão (como Hrs e vestfaliano), português e espanhol;
- 2) [*sermão do*] *padre e uso em cartas de imigrantes e em atas de associações;*
- 3) *Pela escola através do ensino em/de alemão standard; pela igreja, através dos livros, do padre, do coral, dos ritos.*

É preciso, no entanto, lembrar a distinção terminológica feita anteriormente (ver introdução) entre Hdt e StDt comparando tipos de escrita, de cartas e de materiais didáticos nessas duas variedades *standard* e sua tentativa de realização concreta ou parcial. Nas cartas, escrevia-se de acordo com aquilo que o falante acreditava ser a norma culta ou a norma *standard* idealizada. É possível encontrar nesses usos traços *substandard*, mas, de forma geral, o escrito se aproximava muito da variedade *standard*. Nesse caso, o que se tem efetivamente realizado é uma variedade do Hdt ou do que se julga ser o Hdt, até aonde vai a competência nessa variedade. No caso de livros didáticos e impressos, como jornais e almanaques, e nas aulas de alemão até hoje a variedade correspondente é norma-padrão utilizada na Alemanha, i.e., o StDt. Podemos fazer uma analogia parcial com termos da sociologia: o Hdt tem um *emic status*, pois é concebido pelos próprios falantes de dentro da comunidade. No entanto, o StDt não pode ser totalmente equiparado a um *etish status*, pois não é visto apenas de fora. Com o recente aumento da oferta de ensino de StDt, muitos membros dessas comunidades, sobretudo os mais jovens (GI) aprendem a norma-padrão, aquela falada na Alemanha.

Em termos de contínuo linguístico podemos identificar o hunsriqueano como língua coloquial ou *Neuer-Substandard* (BELLMANN, 1983). Os dialetos-base não se restringem a sua estrutura mais basilar no contínuo, mas procuram por uma variedade normativa e, por outro lado, a variedade *standard* procura uma adequação a situações de comunicação. A utilização, difusão e coineização do hunsriqueano, como veremos mais adiante, foi favorecida, de um lado, pelo fato de se assemelhar mais acentuadamente à variedade padrão, tanto na fonética e fonologia quanto na morfologia e sintaxe, e de outro lado, devido à ausência do suporte institucional à norma *standard*, ao qual se refere Auer (2005), na primeira metade do séc. XIX (ALTENHOFEN, 1996).

Em certos espaços, como o religioso, o clube, a escola, é possível verificar a competência na variedade *standard*. Esses espaços são reservados à variedade alta tanto no meio escrito quanto falado. Um exemplo bimodal (meio oral e escrito) eram as reuniões de associações (*Vereine*), nas quais as atas eram escritas na variedade *standard* e lidas em voz alta no início de cada reunião. A associação oferece um suporte institucional do mesmo modo que a escola e a igreja. A competência na variedade *standard*, nesses espaços, é identificada no meio escrito em atas, materiais didáticos e livros de canto e, no meio falado, na leitura sinalizada pelas atas, na escola através do professor e na igreja em corais, cantos de missa, ritos e na figura do padre que normalmente possuía um *status* igualmente alto ao do professor.

1.2 Língua e sociedade: variação pluridimensional

O espaço pode ser concebido tanto como uma entidade física e geográfica, quanto como um contexto construído socialmente (BERRUTO, 2010, p. 227). Por isso, o estudo da variação linguística pela perspectiva variacional deve partir de variáveis sociais.

Uma distinção complexa que é preciso fazer no interior da língua de imigração Hrs. é a que diz respeito aos tipos de variedade identificados em estudos prévios do ALMA-H (cf. ALTENHOFEN, 1996; 2013; MEYER, 2009). O tipo *deutsch*

apresenta marcas fonéticas [+standard] com variantes mais próximas do Hdt/StDt (p. ex. *Bein*, *Hahn*, *veliere*), enquanto o tipo *deutsch* apresenta variantes [+substandard] identificadas como pertencentes a variedade [+dialetal] francônio-renana ou francônio-moselana do contínuo do Hrs (p. ex. *Been*, *Hoohn*, *veleere*). Esses dois tipos configuram duas grandes áreas dialetais, como mostra a análise diatópica das colônias velhas³ (ver mapa 2 em anexo). Todavia, estão envolvidas também questões de ordem histórica, pois é provável que os grupos sejam originários de épocas diferentes. O tipo *deutsch* configura-se de imigrantes posteriores a 1850, que portanto já tiveram um acesso maior à escolarização em StDt, na Alemanha. Outras dimensões como a idade dos falantes, nível de escolaridade, entre outros, também devem ser consideradas. Cabe chamar a atenção para a variação entre o meio escrito e falado. Nesse sentido seria interessante observar se essas arealizações/distinções se mantêm também no meio escrito.

As principais dimensões a serem consideradas no estudo da presença das variedades *standard* do alemão (Hdt e StDt) em contato com o português e o hunsriqueano na área em estudo são:

- a) Dimensão *diatópica* – variação em diferentes localidades de pesquisa do projeto ALMA-H. Com isso, é possível analisar e comparar variantes linguísticas não só entre localidades, mas entre grandes arealizações, como é o caso das colônias velhas e novas surgidas de movimentos migratórios internos.
- b) Dimensão *diacrônica*: aponta para as levas de imigrantes que chegaram em momentos diferentes, os da primeira metade do Séc. XIX, a partir de 1824, que mal haviam recebido cidadania brasileira (1838) quando ocorreu a Revolução Farroupilha (1835-45) e aqueles que chegaram a partir da segunda metade do Séc. XIX e que possivelmente já haviam tido maior contato com a variedade *standard* escrita e falada do alemão em suas regiões de origem.
- c) Dimensão *diarreliosa*: relaciona falantes pertencentes a diferentes confissões religiosas. Considerando que muitas colônias eram fundadas sob determinada orientação confessional, ou seja, os colonos deveriam pertencer a uma religião. No

³ Que poderíamos identificar, conforme Altenhofen (1996, p. 77) como *Mutterkolonien* em oposição a *Tochterkolonien* ‘colônias-filhas’, representadas pelas colônias (mistas) posteriores, para onde migraram muitos descendentes das primeiras, colonizadas por imigrantes de primeira geração no Brasil.

caso do Hrs normalmente era a católica ou evangélica. Segundo Willems (1946, p. 230) falantes evangélicos e luteranos teriam maior competência na variedade *standard* do que outros grupos religiosos. Essa afirmação é reforçada por comentários dos próprios falantes nas entrevistas do projeto ALMA-H.

d) Dimensão *diatrática*: compara diferentes níveis de escolaridade. A competência atual na variedade *standard* se deve em parte a imigrantes como os *Brummer*. Os *Brummer* eram ex-combatentes da Guerra Rosas que acabaram enraizando nas colônias alemãs do Sul do Brasil (Agudo, por exemplo, recebeu 5 deles [KREUTZ, 1994]). A maioria deles possuía um grau mais elevado de escolarização antes de chegarem no Brasil. Já nas colônias, contribuíram para a melhoria do ensino e dos materiais didáticos. Muitos tornaram-se professores. Hoje, como se observa no perfil dos informantes do projeto ALMA, é mais comum encontrar falantes com ensino superior. Por vezes, torna-se custoso encontrar falantes com nível mais baixo de escolaridade (Cb)

e) Dimensão *diafásica*: compara diferentes estilos de análise, bem como diferentes situações e circunstâncias de fala. Essa dimensão pode englobar a dimensão *diamésica* se considerarmos os meios falado e escrito dois estilos distintos de uso da língua. No projeto ALMA-H, a dimensão *diafásica* corresponde à análise das situações de entrevista, de leitura e de conversa-livre.

f) Dimensão *diageracional*. Compara diferentes faixas etárias. Essa comparação é de fundamental importância quando observamos como está ocorrendo a perda de variedades do alemão entre os jovens (GI). Por isso, espera-se um grau maior de competência na variedade *standard* entre falantes da geração mais velha (GII).

1.3 Dimensão diamésica: relação entre meio falado e escrito

É possível relacionar os meios escrito e falado em termos de contínuo. Verifica-se que o meio escrito faz uso generalizado da variedade *standard*, ao passo que o meio falado tende a apresentar maior variação entre um nível e outro. Historicamente, as pesquisas linguísticas parecem ter dado maior atenção, ora ao estudo da variedade escrita, ora ao estudo da fala. Entre os linguistas neogramáticos

(*Junggrammatiker*) buscava-se, por exemplo, obter regularidades através do contraste entre textos escritos. Já com os estudos inspirados por Saussure, o foco se moveu para a fala.

No presente estudo, abarcamos os dois meios no contínuo variacional como um todo, porque fazem parte do repertório linguístico do mesmo informante. Conforme já aludimos, a língua da escrita está intrinsecamente ligada à variedade *standard*, embora não seja exclusiva. Registros escritos em variedade substandard, sobretudo em Hrs, há também. Tome-se como exemplo os contos do Pe. Balduino Rambo, publicados entre 1937 e 1961, no *Ignatius-Kalender* (v. RAMBO, 2002 [1937-1961]). Impressos como o *Brumbär-Kalender* (1931-1935) e alguns textos literários, como os contos dialetais do Padre Rambo, demonstram que a escrita nem sempre ocorreu em uma única norma, ainda que esta não seja a norma padrão - *standard*. Mas é a norma *standard* que sempre recebeu o suporte institucional para uma *performance* e competência escrita.

Registros escritos também demonstram mudanças em curso. Encontramos inúmeros exemplos de lápides em cemitérios, nos dados do Projeto ALMA, que exemplificam essa tendência (ver anexo de imagens 1). Recentemente visitei um cemitério em Curitiba e me deparei com a escrita de uma lápide: “SPALM” ao invés de “PSALM” (*Salmo*). O restante da escrita estava de acordo com a norma StDt. Cabe notar que a lápide foi escrita em 2005, sinalizando a presença da variedade escrita ainda que com certo grau de perda da competência na variedade StDt. Fenômenos como estes são essenciais para nosso objetivo de pesquisa, pois reforçam a relevância de uma análise do contínuo variacional por inteiro incluindo na análise as variedades *standard* (Hdt e StDt), no meio escrito.

Neste sentido, nossa análise aproxima-se mais da perspectiva variacional. Para tanto, consideramos as práticas sociais - oralidade e letramento - das comunidades de fala (MARCUSCHI, 2010) como elementos norteadores da análise. Além da segregação entre fala e escrita, o que se difundiu entre os próprios falantes é que sua variedade falada seria “uma língua sem gramática e errada”. Para citar outro exemplo, quando solicitados a lerem um texto em alemão *standard* (DLex [Parábola do Filho Pródigo]), com todas as diferenças superficiais da norma padrão

escrita em relação à fala na variedade *substandard* e mesmo sem uma escolarização formal, os informantes são capazes de reproduzir verbalmente e compreender parcialmente o conteúdo do texto. Outros, talvez pelo menor contato com a escrita ou por acreditarem não serem capazes da leitura, acabam se negando a ler.

1.4 *Standard e substandard* em situação de contato linguístico e multilinguismo

A configuração da rede de pontos do projeto ALMA-H, por si só já sinaliza a existência de um contexto de contato linguístico e multilinguismo, motivada principalmente por movimentos migratórios e processos de *territorialização* (ALTENHOFEN, 2012) do Hrs. Por volta de 1824, formaram-se as primeiras comunidades de alemães no Rio Grande do Sul que hoje são as colônias velhas (pontos RS01 a RS16). A partir de 1890, com a necessidade do governo republicano em povoar, sobretudo os campos de cima da serra, são criadas as células alemãs que hoje correspondem às colônias novas (pontos RS18 [1906] a RS23 [1928]), ou *Tochterkolonien*. Na fundação desta última, em torno de 1920, já havia se iniciado um novo movimento migratório na direção do sudoeste catarinense (SC05 [1927] e SC06 [1926]) e norte da Argentina (AR01 [1933], AR02 [1919] e AR03 [1919]). Durante a década de 60 as migrações se estendem até o oeste do Paraná (PR02 [1981] e PR03 [1960]). Na década de 70, as novas gerações saem em busca de terras; atraídos pelo baixo preço oferecido no Paraguai, acabam estabelecendo colônias ali (PY02 [1973], PY03 [1970] e PY04 [1977]).

No meio falado, decorrem situações de contato entre variedades *standard* do alemão utilizado na escola e na Igreja com variedades *substandard* do português, do espanhol e do guarani, como foi constatado em PY04 (Moseldorf ou Paso Tuyá), onde há falantes plurilíngues nessas variedades.

1.4.1 Coineização

Dentre os processos mais comuns decorrentes do contato entre variedades dialetais de imigrantes de mesma origem étnica, o processo de coineização é um dos

mais frequentes na história das imigrações no sul do Brasil. Com o termo *coineização* designamos um processo de convergência de variedades próximas (*Dialektabbau*) e implemento de uma delas como norma comum (*Überdachungsnorm*) utilizada para a comunicação mútua - Gilles (2000, p. 203s.). Na coineização, são selecionadas variantes mais propícias à intercompreensão e coesão social das comunidades. Além disso, desempenha um papel importante o número de falantes de cada variedade em contato e sua capacidade de migração e contato com outras variedades. Foi assim que se originaram as koinés do hunsrückisch rio-grandense e do vêneto rio-grandense, base do talian.

O contingente de imigrantes originários da região do Hunsrück não foi, porém, o único fator. Como salientamos na introdução, sua proximidade da variedade *standard* do Hdt foi igualmente determinante para esse processo, a ponto de falantes de variedades do baixo-alemão, como pomerano e westfaliano terem confundido o Hrs com a variedade escrita do Hdt. Como explica Altenhofen (1996, p. 23s.), é de se supor que, já na matriz de partida, na Renânia Central, o Hrs possa ter assumido características de um *standard* regional (*Regionalstandard*) entre o baixo- e o alto-alemão (*Niederdeutsch und Oberdeutsch*). Daí sua vantagem para assumir a função de *koiné*. Ou seja, o Hrs estabeleceu-se como norma do dia-a-dia.

Como “língua de intercurso” (*Verkehrssprache*), a koiné tornou-se comumente também a língua de imigrados de outras origens (p.ex. franceses [huguenotes já emigrados da França para a Alemanha e vindos com os imigrantes alemães para o Brasil],⁴ italianos [imigrados para colônias alemãs, por meio de casamentos interétnicos],⁵ inclusive afro-descendentes que permaneceram nas colônias, após a abolição da escravatura). Pode-se, assim, concluir que falar Hrs não significa necessariamente ter uma ascendência hunsriqueana.

O uso do Hrs. como norma do dia-a-dia está sinalizado no meio escrito através de impressos (*Brumbär-Kalender*) e contos dialetais (Pe. Rambo), onde se observa a presença de variantes do Hrs.

⁴ Sobrenomes como Bays e Ledur são testemunho desse processo.

⁵ Idem sobrenomes como Frosi ou Pertile, em localidades como Harmonia (ponto RS07, do ALMA-H), no Vale do Caí.

Apesar dos processos de coineização e territorialização, o *status* sócio-político do Hrs permaneceu de língua minoritária. Podemos estabelecer duas comparações com o contexto similar do país de Luxemburgo (v. GILLES, 2000), onde atualmente um espaço relativamente pequeno também abriga uma diversidade de variedades linguísticas:

- 1) Ao contrário do Hrs, o luxemburguês, além de *koine*, passa por um processo de estandardização, na medida em que vem ocupando o meio escrito e a população o está aceitando como língua oficial do país.
- 2) Em Luxemburgo, os principais agentes da desdialeetalização⁶ (*Dialektabbau*) em favor de uma norma são o francês e o alemão, no meio escrito ou em situações formais de fala, e o luxemburguês, como língua coloquial (GILLES, 2000). Em nosso contexto, os equivalentes seriam o hunsriqueano como língua coloquial e o StDt/Hdt no meio escrito ou em situações formais de fala (ver contínuo, fig. 1).

1.4.2 Funcionalização das variedades: diglossia

Uma outra possibilidade do contato linguístico, além do desenvolvimento de uma koiné, é a funcionalização das variedades em contato, que subsistem lado a lado, porém com funções de uso diverso. Essa funcionalização de variedades linguísticas, que podemos designar genericamente com o termo *diglossia*, cunhado por Ferguson (1959), normalmente se dá entre uma variedade alta ([+standard]), para os usos formais e mais letrados, e uma variedade baixa [+substandard], para situações informais. Nas comunidades alemãs de contato hunsriqueano-português, pode-se admitir esse tipo de funcionalização de variedades, em determinado período da imigração, reservando o uso do Hdt (ou o que se acreditava ser [+standard], para as situações mais formais, sobretudo o uso escrito, enquanto o uso da(s) variedade(s) *substandard* se restringiu a contextos mais informais, como o familiar. A variedade *standard* preenche funções principalmente associadas ao contexto religioso (sermão do padre, língua do culto ou da missa, cantos, coral), ao âmbito escolar (aula de alemão, interação com o professor, etc.), entre outros. Os espaços físicos, porém, não determinam estritamente a variedade a ser usada. Ainda assim o espaço da igreja e da

⁶ Tradução sugerida pelo Orientador do TCC, para o termo do alemão *Dialektabbau*.

escola são os principais meios de aquisição da variedade *standard*. A escolha da variedade está também associada a questões de prestígio, como percebe-se nas figuras do padre e do professor, em um conto do Pe. Rambo, citado por Altenhofen (2013, p. [no prelo]):

“Ja awa,“ *saht de Pitt*, “Dea misst aach bedenke, darrich nochen junga Aanfänga sinn, darrich mei Land voa zwellef Konto kaafe muhst, unn noch nächst fennef Konto Schulde uffem Buckel honn.“

“Dein Schwiegervater *sagte mir*,“ *saht de Pada*, “dass du in den letzten Jahren jedes Jahr über ein Konto Schulden abbezahlt hast, in diesem Jahr sogar fast zwei.” (B. Rambo, *Wie dat Pittche Pada woa is*, 2002 [1937], v. 1, p. 86f.)

Ambos, padre, pastor e professor, eram referência de pessoas cultas da comunidade, portanto com um nível mais elevado de escolarização e muitas vezes trazidos da matriz europeia especialmente para exercer tais ofícios.

Igreja e escola incorporaram, assim, um conjunto de funções ou práticas, como já foi exposto mais acima. Na escola, existiu e, em parte, ainda existe a aula de alemão, porém no intervalo ou mesmo entre si, é provável que os alunos utilizem variedades *substandard* do alemão ou português. Na Igreja, de um lado, o padre usa a variedade mais próxima do *standard*, e os fiéis compreendem, do outro todos os participantes acompanham e cantam na mesma variedade. Conforme os membros da comunidade fiéis chegam e se aglomeram frente à igreja, com certa antecedência para conversar, usa-se a variedade *substandard*. Essas distinções podem ser

Usos linguísticos no contínuo <i>standard-substandard</i> na igreja e na escola		
	Igreja	Escola
	MEIO FALADO MEIO ESCRITO	MEIO FALADO MEIO ESCRITO
Variedade <i>standard</i>	Cantos, sermão, orações livro de canto, inscrições, certidões, impressos	Aula de alemão materiais didáticos
Variedade <i>substandard</i>	Interação entre membros da comunidade ?	Intervalo do recreio ?

Quadro 2 – Relação entre práticas no meio falado e escrito em dois contextos formais: igreja e escola.

Com estes exemplos, abordamos algumas funções do meio falado. Ao meio escrito, tradicionalmente, correspondem funções mais definidas, como cartas, atas e impressos. Processos como a ampliação da imprensa, de escolas e de igrejas contribuíram dessa forma para a manutenção StDt/Hdt nessas comunidades (GILLES, 2000), no sentido de dar suporte institucional à norma *standard*.

A partir do exposto, cabe ainda uma observação: o uso de uma ou de outra variedade não está necessariamente atrelado ao domínio de uso mais ou menos formal, mais ou menos institucionalizado. Por exemplo, em prefeituras, embora seja um local público, portanto [+formal], pode ocorrer contrariamente apenas o uso da variedade *substandard*. Pude constatar isso na prefeitura do município de Santo Cristo (RS22), acompanhando meu orientador em saída de campo para o ALMA-H. O mesmo certamente vale para a interação em uma sala de professores, no intervalo do recreio.

1.4.3 *Dachsprachenwechsel*: substituição da língua-teto

A observação feita acima sugere uma terceira possibilidade de “resultado” do contato linguístico alemão-português, qual seja, a substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*) – StDt/Hdt – pelo português. Isso quer dizer que o português toma a função de variedade alta das situações formais que antes ainda podia, em grau variável, ser assumida pela variedade *standard* do alemão, Hdt.

Como observam Roche (1966, p. 31) e Altenhofen (2000, p. 78), é de se supor que não havia um contato linguístico sistemático entre imigrantes alemães e falantes de português nos períodos iniciais da imigração, nas áreas coloniais, sobretudo se considerarmos que se instalaram em áreas de floresta (não cidades ou zonas de campo). Talvez fosse mais comum o contato entre variedades do próprio alemão – ou até de outras línguas *nacionais* como o polonês e o italiano –, por conta das colônias mistas formadas por pessoas oriundas de regiões distintas da Europa (GERTZ, 2004). Esse isolamento da língua alemã, de um modo geral, se estende até 1970-80, quando

se intensificam os meios de transporte nas regiões mais afastadas e se percebe uma maior presença do português. No interior das colônias, a comunicação ocorre ora no(s) dialeto(s)-base, ora em *Hochdeutsch*. No entanto, em situações de contato entre variedades, o Hrs acaba tornando-se instrumento de comunicação. Como língua-teto, o *Hochdeutsch* desempenhava funções, sobretudo, institucionais. Quando essas funções são delegadas ao português, através de políticas linguísticas impositivas, o processo de substituição da língua-teto já havia iniciado.

Uma dessas funções pode ser descrita por meio da evolução do sistema escolar nas comunidades formadas por imigrantes alemães, que Kreutz (2000) divide nos seguintes períodos:

- a) 1824-1930 – Concentração das escolas de imigrantes nas áreas rurais e expansão;
- b) 1914 – A partir da 1ª Guerra Mundial, início do processo de nacionalização e aumento de escolas públicas próximas a escolas étnicas;
- c) 1920 – Intensificação de escolas nacionalistas;
- d) 1938/39 – Decretos de nacionalização.

As medidas geradas pelo Estado Novo (1930-1945) contribuíram para o processo de mudança da língua-teto, não apenas no âmbito do ensino, mas também na imprensa. O Estado Novo caracterizou-se por políticas populistas que utilizavam o próprio povo como massa de manobra, o chamado populismo. Entre estas está a instituição do salário mínimo. Por outro lado, no que se relaciona diretamente com políticas linguísticas, certas medidas de caráter ditatorial, como a proibição de línguas estrangeiras, sua criminalização, exerceram um papel determinante para a sua vitalidade. No meio escrito, foram proibidas todas as publicações em alemão e no meio falado, sua utilização em espaços públicos. Talvez a contradição entre o populismo e a proibição de línguas ajude a entender como ainda há descendentes de imigrantes que carregam uma simpatia relativamente alta pela figura de Getúlio Vargas.

A Segunda Guerra também influenciou nestas comunidades de prática. Para compreender a importância no eixo diacrônico desses dois fatores, é válido comentá-los de forma mais aprofundada.

A Segunda Guerra, por sua vez, contribuiu para a afirmação dessas leis e para a repressão dos falantes de alemão (GERTZ, 1991), na medida em que o Brasil entrou na guerra (1942) contra a Alemanha. Outro sinal claro da importância das políticas de nacionalização para o processo de mudança da língua-teto é a substituição, nesse período, de inscrições tumulares em alemão para a sua tradução em português (ALTENHOFEN, 2013; INSEL, 2011).

Esse conjunto de fatores contribuiu para legitimar o processo de ocupação do português com relação a espaços, onde anteriormente predominava o *Hochdeutsch*. A norma-padrão deixa de ser o *Hochdeutsch* e passa paulatinamente para o português. Contextos de escrita e de fala na variedade *standard* do alemão, tradicionalmente associados à escola e à igreja, passam para o português.

Entretanto, o acesso ao ensino de alemão tem aumentado gradativamente através de escolas públicas e particulares, que oferecem o ensino da variedade *Stdt (Standarddeutsch)*. Isso pode ser decorrência do maior acesso a publicações em alemão e da escolarização em língua alemã. Segundo dados do Instituto-Goethe, o número de municípios no Rio Grande do Sul que oferecem ensino *de* alemão atualmente chega a 33, o que ainda é um número tímido, se comparado com o tempo em que havia ensino *em* alemão. Mas já é um número significativo considerando o impacto negativo das leis de proibição do ensino durante o Estado Novo.

1.4.4 *Language shift*: substituição linguística

Por fim, a substituição linguística (*language shift*) constitui o estágio terminal em que uma das línguas (a língua minoritária), iniciando por um extremo do contínuo, deixa de existir em seu uso ativo. Como reitera Roche (1969), nos primeiros anos da imigração não havia necessidade de se aprender a falar português, pois a população nas colônias era “considerável e homogênea” e as relações econômicas não exigiam o uso categórico e exclusivo do português. Quando necessária, a comunicação se fazia através de falantes bilíngues ou intérpretes.

Já comentamos, mais acima, que a escola e a igreja formaram os principais motivadores da aquisição de uma variedade *standard* (FERGUSON, 1974). No

contexto familiar, a substituição linguística foi muito mais lenta. Escolas nacionais já existiam anteriores às políticas de nacionalização, porém nessa época é que o alemão é proibido, e o português se torna a língua obrigatória. À medida que a necessidade de criar escolas nacionais aumentou, principalmente por motivos políticos, como vimos acima, e as relações econômicas se estreitaram o português ganhou espaço.

CAPÍTULO 2 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Foco do estudo

Para os fins deste Trabalho de Conclusão de Curso, tornou-se fundamental contextualizar inicialmente o problema de pesquisa da presença do alemão *standard* nas áreas de contato entre o Pt e o Hrs como língua de imigração, identificando as diversas implicações da ocorrência/presença/competência mesmo parcial da variedade *standard* para uma macroanálise pluridimensional do Hrs propriamente dito, tema do ALMA-H, para o qual este estudo pretende ser uma contribuição. Neste sentido, o que se pretende neste Trabalho é uma análise geral dos contextos onde, quando, quem faz uso falado ou escrito da variedade *standard*, considerando diferentes dimensões de análise (princípio da pluridimensionalidade). A pesquisa, no entanto, tem ainda caráter propositivo, ou seja, me detenho por ora ao entendimento das variáveis e dimensões que desempenham um papel decisivo, para preparar de forma sólida a pesquisa posterior, a nível de Mestrado, com os dados do ALMA-H.

2.2 Princípio da pluridimensionalidade e base de dados

Através do princípio da pluridimensionalidade, explicitado no cap. 1, comparam-se os dados de diferentes localidades ou contextos sócio-geográficos (*dimensão diatópica* – onde?), estratos sociais (*dimensão diastrática* – quem?), faixas etárias (*dimensão diageracional* – quem?), em diferentes situações de uso da língua (*dimensão diafásica* – quando?). O perfil completo dos informantes do ALMA-H é apresentado no quadro a seguir:

<p>CaGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>	<p>CaGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>
<p>CbGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>	<p>CbGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>

Quadro 2 – Perfil dos informantes do ALMA-H, para as entrevistas semi-dirigidas

Em virtude das limitações de tempo e espaço de uma monografia desta natureza, não podemos aprofundar a análise da relação *standard-substandard* nessas dimensões. A sua consideração, no entanto, auxilia a organizar o “aparente caos” e, com isso, direcionar melhor a compreensão que queremos. O nível de escolaridade (*dimensão diastrática*), por exemplo, desempenha um papel fundamental para a competência na variedade *standard*, pois parte dos falantes, a geração mais velha (GII), ainda frequentou escolas com ensino em alemão (*dimensão diageracional e diacrônica*). É possível formular a hipótese de que, em localidades onde há ensino de alemão, os grupos de gerações mais novas (GI) apresentam graus de competência na variedade *standard* relativamente maiores.

O que pretendo aprofundar, de forma qualitativa e introdutória, é a análise da dimensão diamésica, ou seja, dos contextos sociais de uso oral e escrito da variedade Hdt. Serve de base para essas primeiras incursões no mapeamento da presença de Hdt nos 41 pontos do ALMA-H. O banco de dados escritos e o acervo de dados

iconográficos disponibilizados pelo Projeto, com os quais trabalhei como bolsista de iniciação científica e que incluem:

- 1) Acervo de fotos: inscrições em espaços públicos (estabelecimentos comerciais, cemitérios, instituições etc.) e privados (*Wandschoner* [protetores de parede], fotos de parede etc.);
- 2) Acervo de documentos e etnotextos⁷ escritos: atas de reuniões, cartas, impressos como jornais, almanaques e folhetos religiosos.

⁷ Textos que refletem a cultura e a vida social do grupo étnico imigrante.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Conforme expus acima, a análise de dados para o presente trabalho concentra-se, no atual estágio da pesquisa, em aspectos da variação diamésica do uso das variedades *standard* e *substandard*. Por esta razão, divido este capítulo em duas partes, sobre a presença/ocorrência da variedade *standard* Hdt, ou pelo menos de marcas [+standard], no meio escrito e no meio falado.

3.1 *Standard e substandard no meio escrito*

É importante salientar, como explicitado na metodologia, que este trabalho segue essencialmente uma análise qualitativa. Isso permite analisar inclusive práticas que já não são mais usuais nas comunidades, mas contribuem para o propósito de analisar a presença da variedade *standard*. Um desses exemplos são as atas escritas em alemão. Dito isto, vale ressaltar, ainda, o enfoque não na quantidade de dados referentes à variedade *standard*, senão na pluralidade existente no acervo, os quais pretende-se trazer em evidência nesta análise.

Nos dados analisados, observamos a presença da variedade *standard* do alemão em diferentes documentos e contextos de uso da língua, que descreverei a seguir.

3.1.1 Imprensa: almanaques, jornais, revistas e materiais didáticos

Os jornais e almanaques serviram como ponto de ligação entre a antiga *Heimat*, na matriz de origem europeia, e o novo meio no Brasil. Não obstante se tratar de impressos em alemão, a imprensa no sul do Brasil não constituiu uma imprensa estrangeira, pois seus temas se ocuparam em grande parte do Brasil. Por outro lado, tinham a tarefa de informar os colonos sobre seus países de origem. De

acordo com a pesquisa realizada no acervo do projeto ALMA-H, pudemos identificar os seguintes suportes impressos:

- a) jornal;
- b) almanaque;
- c) revista;
- d) material didático;

Segundo Amstad (1924, p. 289 e seguintes), “*juntamente com a escola alemã, a imprensa constitui a base principal da manutenção da germanidade no Rio Grande do Sul*”. A presença do meio escrito nas comunidades alemãs é evidenciada pela prática da leitura diária. Porém, com os decretos de proibição durante o Estado Novo isso não foi mais possível, pois uma das medidas tomadas foi a proibição da impressão de livros em alemão. Até então havia 149 revistas e jornais publicados em diferentes localidades do estado. Após as leis de nacionalização, restaram apenas 3, como mostra o quadro a seguir:

Erscheinungsjahr	Anzahl	Anzahl der Zeitungen u. Zeitschriften je nach Erscheinungsort
vor 1900	28	Porto Alegre: 79
1901-1909	13	São Leopoldo: 24
1910-1919	26	Santa Cruz do Sul: 08
1920-1929	23	Ijuí: 05
1930-1941	53	Pelotas: 05
Gesamtzahl (bis 1941)	143	Panambi: 04
Nach den Nationalisierungsgesetzen	03	Montenegro: 03 Verschiedene: 14 (Agudo: 02; Candelária: 02; Estrela: 02; Santa Rosa: 02; São Lourenço do Sul: 02; Arroio do Meio: 01; Giruá: 01; Novo Hamburgo: 01; Taquara: 01)

Quadro 3 – Jornais e revistas em língua alemã (cf. ALTENHOFEN, 2013 [no prelo], a partir de dados de GERTZ, 2004, p. 118-122)

Esses impressos circulavam predominantemente na variedade *standard*. São poucos os impressos que utilizam uma escrita baseada em uma variedade *substandard*, como por exemplo o Hrs. Um exemplo é o *Brummbär-Kalender*, editado por Alfons Brod, em Arroio do Meio – RS, entre 1931 e 1935, 1938. Com base no número de publicações expostas no quadro acima é preciso considerar que o raio de alcance dessas publicações, pelos levantamentos na rede de pontos do ALMA-H, é bastante amplo, embora tenha sido mais intenso e se iniciado mais cedo, já na metade do séc. XIX, na área das colônias velhas. Encontramos, por exemplo, leitores do *Sankt-Paulus-Blatt* no ponto PY04 (Paso Tuyá, no Paraguai). E não apenas isso: um informante foi, por cinco edições seguidas, inclusive, redator de textos para o *Jahrbuch der Familie*, editado pela Igreja Católica, em Porto Alegre. Esse exemplo sinaliza a existência de um público-leitor amplo. Os almanaques faziam uso considerável de recursos visuais e tratavam de temas de interesse, como práticas agrícolas, de forma a contribuir na leitura daqueles que não eram proficientes na variedade Hdt e, provavelmente, ampliar sua rede de leitores.

Os impressos possuíam dois outros recursos, onde é possível supor o uso da escrita por parte dos leitores: *espaço para anotações* e *caixas de perguntas*. Nos *espaços para anotações* - o *spacium* – faziam-se registros, observações, lembretes etc. Embora não tenhamos analisado especificamente a escrita desses *spacia* é provável que o seu registro tenha se dado em Hdt, como era, de modo geral, a prática escrita. Uma outra modalidade de interação com o leitor eram as *Caixas de Perguntas*. Este espaço representava um canal de diálogo entre a revista e os receptores, os leitores. De acordo com a pesquisa de Klauck (2009, p. 204) sobre o caso específico da revista católica *Sankt-Paulus Blatt*, o questionamento redigido pelos leitores “*difícilmente alcançava duas páginas e apresentava questões e respostas um tanto quanto sucintas*”.

Por outro lado, através de instrumentos como o livro didático, os imigrantes garantiram a manutenção da variedade *standard*. Inicialmente, não havia recursos suficientes para a construção de escolas nem para a produção de materiais didáticos mais sofisticados. Por isso, nos primeiros anos de imigração as escolas foram improvisadas e surgiram os primeiros livros em forma de abecedários escritos à mão.

Na segunda metade do século XIX, com a chegada dos *Brummer* e de grupos de congregações religiosas como os jesuítas, a produção de materiais didáticos foi sendo aprimorada (ver anexo Fig. 2), sendo que para o ensino de Hdt havia cartilhas, os *Fibeln*, gramáticas e livros de leitura de apoio (KREUTZ, 1994, p. 60).

3.1.2 Manuscritos: cartas e atas

A escrita de cartas em Hdt constitui uma prática comum entre os imigrantes, sobretudo no período anterior a 1945. Tanto mulheres quanto homens (*dimensão diagenérica*), classe mais escolarizada (Ca) e menos escolarizada (Cb) (*dimensão diastrática*) faziam uso desse recurso para a comunicação com seus familiares e amigos remanescentes na matriz europeia, ou com falantes do Brasil, fossem eles de localidades próximas, ou mais afastadas diatopicamente (p.ex. colônias velhas e novas). Nas cartas (anexo Fig. 8) espera-se observar um uso maior de variantes originárias do meio falado, incorporadas de variedades *substandard* do português, do espanhol e do Hrs. Steffen (STEFFEN, 2013, p. 6) identifica, em sua análise de cartas de imigrantes, em um único exemplar, a representação do processo de substituição linguística desde a incorporação de traços fonéticos do português até níveis mais altos de gramática .

As atas, por conta de seu gênero apresentar características mais acentuadas de formalidade e perenidade (KOCH & OESTERREICHER, 2013) apresentam um número maior de variantes da *variedade standard* que se repetem. Nas cartas, isso pode ocorrer, mas seu gênero é mais aberto. Analisamos dois exemplos (Anexo Fig. 7) da mesma sociedade localizada em Ivoti que foram escritas nos anos de 1924 e 1926. Destaco dois aspectos relacionados, sobretudo, às *dimensões diamésica e diacrônica* (v. Fig 7):

- a) [+standard] Presença de *Umlaut* (*eröffnete, Präsident, Schriftführer*), no meio escrito, o que não é utilizado pela variedade *substandard* no meio falado.

b) Hipercorreções (*erröfnette* <*eröffneta*> “abriu”, *mitt* <mit> “com”) que apontam para a tentativa de adequação à norma. O grau de formalidade da ata pode contribuir para estes fenômenos.

c) Mudança do tipo de escrita *Sütterlin* para a escrita latina

A presença de traços do Hdt (*Umlaut*) e as próprias hipercorreções sugerem a funcionalização das variedades (*diglossia*), reforçando a hipótese de que na escrita o falante faz uso da variedade *standard*.

3.1.3 Inscrições no espaço público: lápides e placas (v. Anexo fig. 3)

A escrita em espaços públicos tem uma grande contribuição para o estudo da língua no contexto social, uma vez que diz muito sobre territorialidades linguísticas e a difusão de determinada variedade. A escrita em portais, placas, lojas, túmulos e prédios influencia, além disso, as representações sociais da língua, moldando a paisagem linguística de um determinado local ou região (LANDRY & BOURHIS 1997, p. 25 [apud. AUER, 2010, p. 273]).

Em túmulos, é possível encontrar o uso da variedade *standard*, sobretudo até 1945. Além das formas indexicais “*Hier ruht*” ou “*ruhe sanft*”, que foram paulatinamente sendo substituídas pela forma correlata em Pt “*aqui jaz*”, encontramos provérbios completos em Hdt (Anexo Fig. 4). Uma análise quantitativa da ocorrência e seleção da língua por cemitério e por período histórico, ou mesmo sua omissão sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial (Ver anexo Fig. 3), pode, nas próximas etapas da pesquisa, fornecer mais subsídios para uma descrição do comportamento linguístico dos falantes não apenas frente às medidas de proibição da língua alemã, no Estado Novo, mas também em relação ao processo de substituição da língua-teto Hdt pelo Pt, ou mesmo da língua em sua totalidade (*language shift*).

Processo inverso, registrado pelo ALMA-H em um número considerável de fotos, encontramos em nomes de lojas e prédios comerciais, ou com finalidades de promoção do turismo. Neste terreno, parece haver uma abertura e flexibilidade maior das relações linguísticas e interétnicas. Podemos identificar variantes em Hdt na

forma de sobrenomes (*Streda, Bohnenberg* etc.) ou expressões, como *Restaurante Alles Gut, Willkommen in Tupandi*.

3.1.4 Escrita no espaço familiar: *Wandschoner* ou protetores de parede (Anexo Fig. 5 e 6)

Nos dados analisados, salientam-se os *Wandschoner*, panos tricotados com um ditado em Hdt que servem tanto para a proteção da parede atrás do fogão à lenha, quanto para a decoração do lar. Sua moldura chama a atenção pelos ornamentos. Os ditados têm um caráter normalmente educativo ou religioso e não são de ordem individual, i.e, há ditados recorrentes, portanto de uso coletivo, como os exemplos a seguir:

- a) Hab auf der Welt die schönsten Stunden doch nur in meinem Heim gefunden.
“*em todo o mundo encontrei momentos mais belos somente em meu lar*”.
- b) Der beste Schatz für einen Mann ist eine Frau, die kochen kann. “*o maior tesouro para um homem é uma mulher que saiba cozinhar*”
- c) Na Gottes Segen ist alles gelegen. “*à benção de Deus, está tudo disposto*”
- d) Schön ist eigentlich alles was man mit liebe betrachtet. “*belo é , na verdade, tudo o que se contempla com amor*”
- e) Gott segne dieses Haus und alle, die da gehen ein und aus. “*Deus abençoe esta casa e todos nela entram e saem*”
- f) Streut Blumen der Liebe zur Lebensfrist und bewahret einander vor herzeleit.
“*Espalhem flores de amor por toda vida e resguardem um ao outro das dores do coração*”
- g) Schlaf fröhlich ohne Sorgen, begrüße froh den Morgen. ”*Dorme feliz sem preocupações, cumprimenta alegre a manhã*”
- h) Man kann durch ein Händedrücken Zarte und Liebe hoch beglücken. “*Através de um aperto de mão carinhoso e amoroso podemos tornar alguém feliz*”

Apesar de não serem mais usados com a finalidade original, encontramos *Wandschoner* em contextos de promoção cultural e de educação, como em museus e

escolas, onde fazem parte da memória cultural da comunidade. Vale lembrar que, durante o período de nacionalização, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos deles foram queimados, porque continham justamente inscrições em alemão

3.2 Meio falado

3.2.1 Contexto escolar: ensino *em* alemão e ensino *de* alemão

O ensino *em* alemão pressupõe a competência da norma-padrão entre os falantes. Schaden (1980, p. 141 [apud. KREUTZ, 2000, p. 160]) afirma que 87,2% dos imigrantes alemães que entraram no Brasil entre 1908 e 1941 eram alfabetizados. Anterior a essa época não existem dados tão precisos. O acervo de cartas de imigrantes de Joachim Steffen, além disso, possui cartas escritas em Hdt anteriores a 1850. Sabe-se da existência de escolas comunitárias no meio rural. Kreutz (2000) estabelece uma cronologia das escolas em alemão, à qual já aludi no cap. 1:

- a) 1824-1930 - Concentração das escolas de imigrantes nas áreas rurais e expansão;
- b) 1914 – A partir da 1ª Guerra Mundial início do processo de nacionalização e aumento de escolas públicas próximas a escolas étnicas;
- c) 1920 – Intensificação de escolas nacionalistas;
- d) 1938/39 – Decretos de nacionalização;

A partir dos itens acima, identifico duas épocas distintas relacionadas ao ensino: de 1824 a 1939 com ensino *em* alemão e, de 1939 em diante, com ensino *de* alemão.

Ensino em alemão. Inicialmente, com relação à língua, houve um período de relativo isolamento da maioria das comunidades alemãs, sobretudo, nas primeiras décadas de imigração. Nesse momento, não houve necessidade de usar variedades que não fossem as do alemão na comunicação, e com isso, de escolas com ensino de português. Por outro lado, a escola sempre foi muito valorizada pelos imigrantes alemães. Já no ano de 1930, apenas no Rio Grande do Sul, o número de escolas de

imigração ficava em torno de 1.041. Segundo Amstad (1924), a quantidade de alunos nesse período somava quase 30 mil.

Predominavam as escolas étnicas, principalmente, as escolas particulares (ROCHE, 1969), que podiam ser confessionais ou associativas, sendo as confessionais em maior número. Em muitas comunidades, a questão do ensino estava imbricada nas questões religiosas, como se pode constatar, por exemplo, no dever do padre em erguer uma escola tão logo tivesse a permissão para a construção da paróquia. Entre as escolas confessionais, católicas e luteranas, estas últimas estavam presentes em maior número.

Outro fator a considerar é o nível de escolaridade dos imigrantes e a época de imigração. Houve duas grandes ondas de imigração, a primeira por volta de 1824 e a segunda por volta de 1850. Os imigrantes pertencentes à primeira leva ainda reclamavam por direitos no Brasil quando já estourava a Revolução Farroupilha. A partir de 1850 constata-se um incremento no sistema de ensino, ampliação do número de escolas de imigração e em 1852, a vinda cerca de 1.800 *Brummer*. Os *Brummer* eram alemães ex-combatentes nas revoluções liberais na Alemanha que possuíam um nível de escolaridade acadêmica superior e que permaneceram vivendo entre as comunidades alemãs no RS após a guerra contra Rosas na Argentina. Os *Brummer* exerceram forte influência social e cultural sobre as comunidades onde se estabeleceram, inclusive no aprimoramento do material didático e na qualificação pedagógica. Atualmente, essa variação na dimensão *diatrática* e *diacrônica* pode ter contribuído para a identificação de dois tipos na variedade falada nas colônias velhas *deutsch* e *deutsch*.

Ensino de alemão. O ensino de alemão, embora seja parte do ensino *em* alemão, é responsável pelo uso da variedade *standard* principalmente após o fim da Segunda Guerra (1945). Segundo Koch (2003) – ver Tab. 1 abaixo –, em 1988 havia 93 escolas que ofereciam ensino de alemão no Rio Grande do Sul. Estima-se que atualmente as escolas públicas com ensino de alemão (*Daf*) estejam presentes em 33 municípios (<http://www.goethe.de/ins/br/lp/lrn/wdl/tut/sdp/>). Essa comparação mostra que houve de fato um declínio no número de *escolas em alemão*, após a

Segunda Guerra, mas que o número de *escolas de alemão* experimentou um grande aumento nos últimos anos.

Escolas que oferecem cursos de Língua Alemã no Rio Grande do Sul – ano 1988

Tipo de escola	nº	alunos	prof.	aulas/sem.
Escolas particulares	36	8.913	104	1.582
Escolas estaduais	20	1.419	27	171
Centros de Língua	3	301	5	82
Escolas municipais	34	619	45	98
Total	93	11.255	181	1.933

Tab. 1 – Número de escolas que oferecem ensino de língua alemã no Rio Grande do Sul – ano 1988, segundo Koch (2003)

3.2.2 Contexto religioso: o sermão e o canto

O contexto religioso abarca diferentes práticas envolvendo funções formais, entre as quais vale ressaltar:

- a) sermão do padre (igreja católica) ou pregação do pastor (igreja evangélica);
- b) cantos e coral;
- c) leituras da bíblia.

Em a), estão envolvidas também questões de prestígio. O padre e o pastor possuíam nível sócio-cultural diferenciado na comunidade, tanto que nas primeiras escolas evangélicas o pastor era muitas vezes o único habilitado para se tornar professor (KOCH, 2003). Por outro lado, era comum “importar” padres/pastores da Alemanha. Como nos demais contextos públicos, a variedade *standard* foi paulatinamente substituída pelo português após a Segunda Guerra. A seguinte tabela destaca essa evolução entre os cultos de confissão luterana:

Língua usada nos cultos em congregações da Igreja de Confissão Luterana do Brasil (IECLB)

Língua	Ano 1960	Ano 1970
Só alemão	5,2%	–
Preferentemente alemão	32,8%	12,5%
Preferentemente português	50,8%	58,3%
Só português	11,2%	29,2%

Tab. 2 – Língua usada em cultos de igrejas luteranas no Rio Grande do Sul, segundo Koch (2003)

Em relação à dimensão *diarreligiosa*, há autores (ver WILLEMS, 1980) que levantam a hipótese de que falantes evangélicos teriam mantido maior competência em StDt/Hdt do que falantes católicos. Nos dados do ALMA-H será possível constatar essa diferença comparando o comportamento linguístico em localidades católicas e luteranas da rede de pontos. Vale frisar a existência de colônias criadas na sua origem como confessionalmente homogêneas, como é o caso da colônia Cerro Azul, hoje Cerro Largo (ponto RS23), fundada pelo Pe. Max von Lassberg.

3.2.3 Rádio

O rádio, assim como a televisão e demais meios de comunicação de massa, surge a partir da primeira metade do séc. XX. Mas é o rádio o precursor desse processo. Em termos de sociologia das línguas, as rádios são um canal de interlocução com as comunidades e pode dar um suporte institucional importante à língua. Não se tem, porém, nenhum estudo mais detalhado sobre programas de rádio em língua alemã. Por ora, já encontramos 33 rádios com pelo menos um programa em alemão (v. Tab. 3). Chama a atenção que a maioria desses programas é transmitido no final de semana, no sábado ou domingo. São os dias em que as famílias normalmente estão reunidas em casa. A variedade linguística reproduzida nas rádios costuma ser o Hdt, pois o locutor, normalmente, é alguém da comunidade que domina essas variedades. No entanto, quando há a participação dos ouvintes o

uso da variedade *standard* pode alternar com o da *substandard*. Em todo caso, isso deixa perceber ao menos a compreensão de Hdt por parte dos ouvintes/falantes.

	Rádio / Localidade	Dia/horário	Frequência	Site
1	Schwarzer Peter – Santa Cruz do Sul		AM 1.180	
2	Imperial – Nova Petrópolis		FM 104.05	
3	- Passo Fundo			
4	Germânica – AHAÍ			
5	Líder – Westfália RS	Seg. à noite		
6	Marechal Cândido Rondon – PR	Sábados de manhã 6h-12h	Emissora Cidade UF	
7	Taquara – RS	Sáb. 6h	AM	
8	Não me Toque	Sáb. 13h-20h		
9	Araguaia – Brusque SC	Sáb. 12h		
10	Vera Cruz – Vera Cruz RS	Dom. 13h10min	AM	
11	Pomerana – Sta. Maria Jetibá ES	Sáb. 14h	FM	
12	Metrópole – Crissiumal RS	Sáb. 14h30min	AM	
13	Princesa – Candelária RS	Sáb. 19h / Dom. 8h- 11h40min	AM	
14	Sorriso – Panambi RS	Dom. 8h	FM	www.sorrisofm.com.br
15	Agudo – Agudo RS	Dom. 8h	AM	www.radioagudo.com.br
16	Comunitária Virtual – Horizontina RS	Dom. 8h30min	FM	www.veracruz.com.br
17	ABC – Novo Hamburgo RS	Dom. 8h50min	AM	www.radioabc900.com.br

18	São Bento – São Bento do Sul SC	Dom. 9h	AM	www.radiosaobento.com
19	Germânia – Teutônia RS	Dom. 9h30min	FM	www.germaniafm.com.br
20	Santa Rosa – Santa Rosa RS	Dom. 10h30min	AM	www.radiosantarosa.com.br
21	Salette – Marcelino Ramos RS	Dom. 11h	AM	www.radiosalette.com.br
22	Difusora Colmeia – Porto União SC	Dom. 11h30min	AM	www.colmeia.am.br
23	Comunitária Liberdade – Três Palmeiras RS	Dom. 10h40min / Dom. 13h-20h	FM	www.liberdadetrespalmeiras.blogspot.com
24	Cristalina – Nova Santa Rosa PR	Dom. 13h	AM	www.a-gazeta.blogspot.com
25	Germânica – Arroio do Padre RS	Dom. 13h	FM	www.centraisuldejornais.com.br
26	Vera Cruz – Horizontina RS	Sáb. 13h10min	AM	www.radioveracruz.com.br
27	Simpatia – Chapada RS	Dom. 13h30min	AM	www.radiosimpatia.com.br
28	Cerro Azul – Cerro Largo RS	Dom. 20h	AM	www.radiocerroazul.com.br
29	Kultura – Santa Maria do Jetibá		Online	www.radios.com.br/aovivo/Kultura-Fm/17758
30	Sinop – MT			
31	Lucas do Rio Verde – MT			
32	Itapiranga – SC			
33	Mondaí - PY			

Tab. 3 – Lista *em construção* de programas de rádio em língua alemã, conforme levantamento feito na internet e comentários de informantes

3.2.4 Outros usos da variedade *standard*

Cabe citar outros usos da variedade *standard* no meio falado. 1) A leitura de atas aparece em nossos dados como uma prática recorrente nas sociedades e igrejas. O contato com 2) programas de TV em Hdt, através da rede à cabo, já parece uma prática mais recente, da qual não temos dados consideráveis, mas vale chamar a atenção.

1. A leitura de atas consiste em uma prática bimodal semelhante ao hábito que havia entre os imigrantes de ler cartas em voz alta, com a família reunida. Bimodal, neste caso, significa que havia de um lado os ouvintes e do outro aquele que lia a carta. Ela é inicialmente escrita e posteriormente lida em voz alta. No entanto, mesmo no meio falado, a ata preserva traços do meio escrito. Se medirmos o grau de formalidade da leitura de ata a partir do contínuo concepcional elaborado por Koch & Oesterreicher (1985) a ata estaria mais próxima de uma concepção escrita do que de uma concepção oral, como acontece com a leitura de uma conferência nos dias de hoje. Isso decorre de características como a reificação, perenidade, complexidade e elaboração da escrita. Nos dados do acervo, observamos que as atas da associação possuem uma estrutura relativamente estável. Com isso, pode-se afirmar que quando se lia uma ata, lia-se da forma mais próxima do Hdt/StDt. Os falantes reuniam-se para tratar de questões pertinentes à comunidade. Normalmente, quando havia reuniões da sociedade, os colonos redigiam a ata. A mesma devia ser lida em voz alta na reunião seguinte.

2. Já os meios de comunicação, como programas de TV exigem a mobilização da compreensão. Em São José do Inhacorá (RS20), ouvimos comentários de informantes do grupo mais velho e menos escolarizado (CbGII) que têm o hábito de assistir o canal alemão de TV a cabo *Deutsche Welle*.

3.3 Resumo

Partindo das diferentes dimensões de análise da presença do Hdt em contextos de contato alemão-português, tendo sobretudo o Hrs como variedade *substandard*, destaco os seguintes pontos:

1. *Dimensão diamésica* - predominância do uso da variedade *standard* no meio escrito quando comparada ao meio falado. Deve-se, entretanto, considerar que no meio falado existe uma oscilação maior do contínuo em relação ao uso de Hdt.
2. *Dimensão diafásica* - a presença do Hdt/StDt no meio escrito e no meio falado está sujeita ao nível de formalidade da prática em questão. No meio escrito, em atas e no sermão, verifica-se o uso [+*standard*]. No entanto é no meio falado que a dimensão diafásica desempenha um papel mais determinante, como no sermão [+*standard*] e na interação entre membros da comunidade [-*standard*].
3. *Dimensão diatópica* - localidades onde se estabeleceram imigrantes de épocas posteriores a 1850 (tipo *deutsch*, v. mapa 2) fazem uso de variantes mais do Hdt. Supõe-se que os primeiros imigrantes dessas colônias mantiveram maior contato com a variedade Hdt na Alemanha.
4. *Dimensão diacrônica* – as práticas analisadas remetem a períodos distintos de presença da variedade *standard*, principalmente antes e depois das políticas do Estado Novo. Por exemplo, ensino *em* alemão [-*atual*] e ensino *de* alemão [+*atual*].
5. *Dimensão diageracional* – A presença da variedade *standard* na escola e em impressos até 1945 sugere que falantes de gerações mais velhas (GII) tenham tido maior contato com esses contextos do que falantes mais jovens (GI). Cabe aprofundar essa diferença em estudos futuros dos dados da totalidade de entrevistas do ALMA-H (127), nas 41 localidades de pesquisa.
6. *Dimensão diastrática* – o nível de formação não parece ser determinante na análise da presença de Hdt nos contextos pesquisados. Gerações mais velhas e com grau de formação inferior (CbGII) tiveram, em muitos casos, acesso ao ensino de língua *em* alemão e a práticas de letramento em Hdt. É preciso considerar ainda que a aquisição de Hdt nem sempre se deu através da escola, mas pela leitura de publicações impressas de circulação nas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível identificar nas comunidades investigadas práticas que atestam a presença da variedade *standard*. Distinguimos entre práticas no meio escrito e práticas no meio falado. Com isso, obtivemos um estudo preliminar ao aprofundamento do problema do grau de competência na variedade *standard*. A análise do presente estudo sugere a hipótese de uma competência variável. Embora, no meio escrito observemos o predomínio da variedade *standard*, no meio falado a variação no contínuo *standard-substandard* é saliente. A compreensão de *quando*, *onde*, *quem* faz uso escrito e falado de Hdt são essenciais para entender o *como* e o *quanto* esses falantes o usam.

Cabe, ainda, considerar a contribuição deste trabalho para o ensino da variedade *standard* do alemão em contextos multilíngues português-alemão, sobretudo, no Rio Grande do Sul em duas direções:

- Meio escrito: a presença visual da língua pode ser uma grande aliada dos educadores, na medida em que o espaço público (placas, nomes de ruas e no comércio) e, por vezes vestígios escritos guardados pela família (cartas, livros etc.) estão ao alcance dos alunos.
- Meio falado: a proximidade do Hrs em relação ao Hdt, em especial o tipo *deutsch* em determinadas localidades, já foi citada. Vale frisar, em relação ao acesso ao Hdt, que ainda existem práticas que fazem uso da variedade *standard*, como programas de rádio e TV, e inclusive missas e cultos. Por último, mas não menos significativo, o próprio conhecimento das gerações mais velhas (GII) que tem uma grande contribuição a dar nesse sentido.

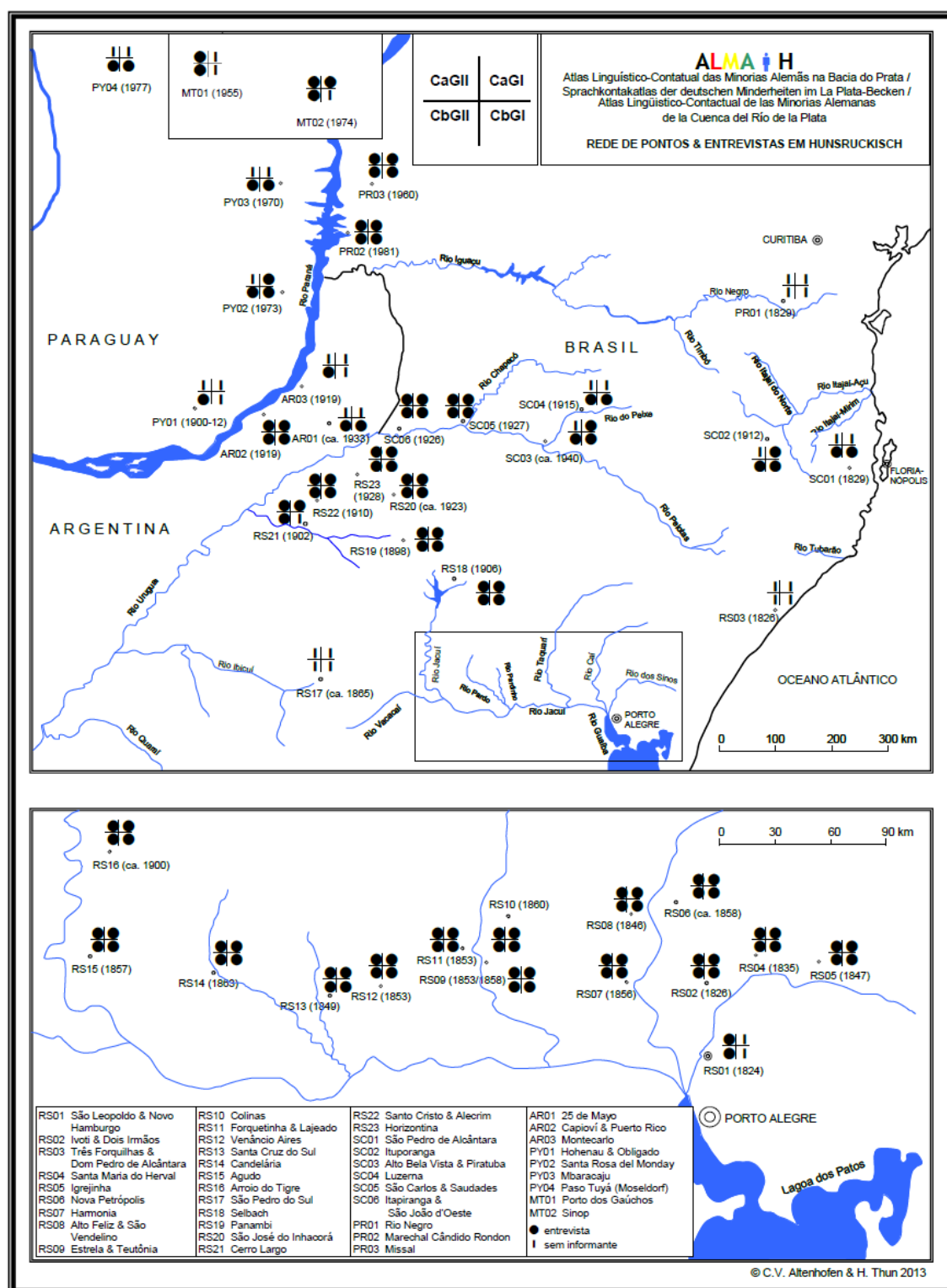
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart : Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A constituição do corpus para um "Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata"*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Interfaces entre dialetologia e história*. In: MOTA, Jacyra & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador : Quarteto, 2006. p. 159-185.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson & FREY, Jaqueline. *Das bresilionische Deutsch und die deutsche Bresilioner: en Hunsrückisch Red fo die Sprocherechte*. In: Revista Contingentia (www.revistacontingentia.com), v. 1, p. 39-50, 2006.
- ALTENHOFEN, Cléo V. et al. *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil*. In: Revista Contingentia (www.revistacontingentia.com), v. 2 (nov.), p. 73-87, 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo V. ; MARGOTTI, F. W. *O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil. Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien*. In: Festschrift für Harald Thun zum 60. Geburtstag. Kiel: Westensee-Verlag, 2012.
- AMSTAD, Theodor (Org.). *Cem Anos de Germanidade no rio Grande do Sul-1824-1924*. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.
- AUER, P. *Europe's Sociolinguistic Unity, or: a Typology of European Dialect/standard Constellation*. University of Freiburg, 2003.
- BELLMANN, Günter. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, Klaus J. *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen : Niemeyer, 1983. p. 105-130. (Reihe Germanistische Linguistik; 46.).
- BERRUTO, Gaetano. *Identifying dimensions of linguistic variation in a language space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. (HSK 30.1) p. 226-241.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: Desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola editorial, 2008. p. 33-107.

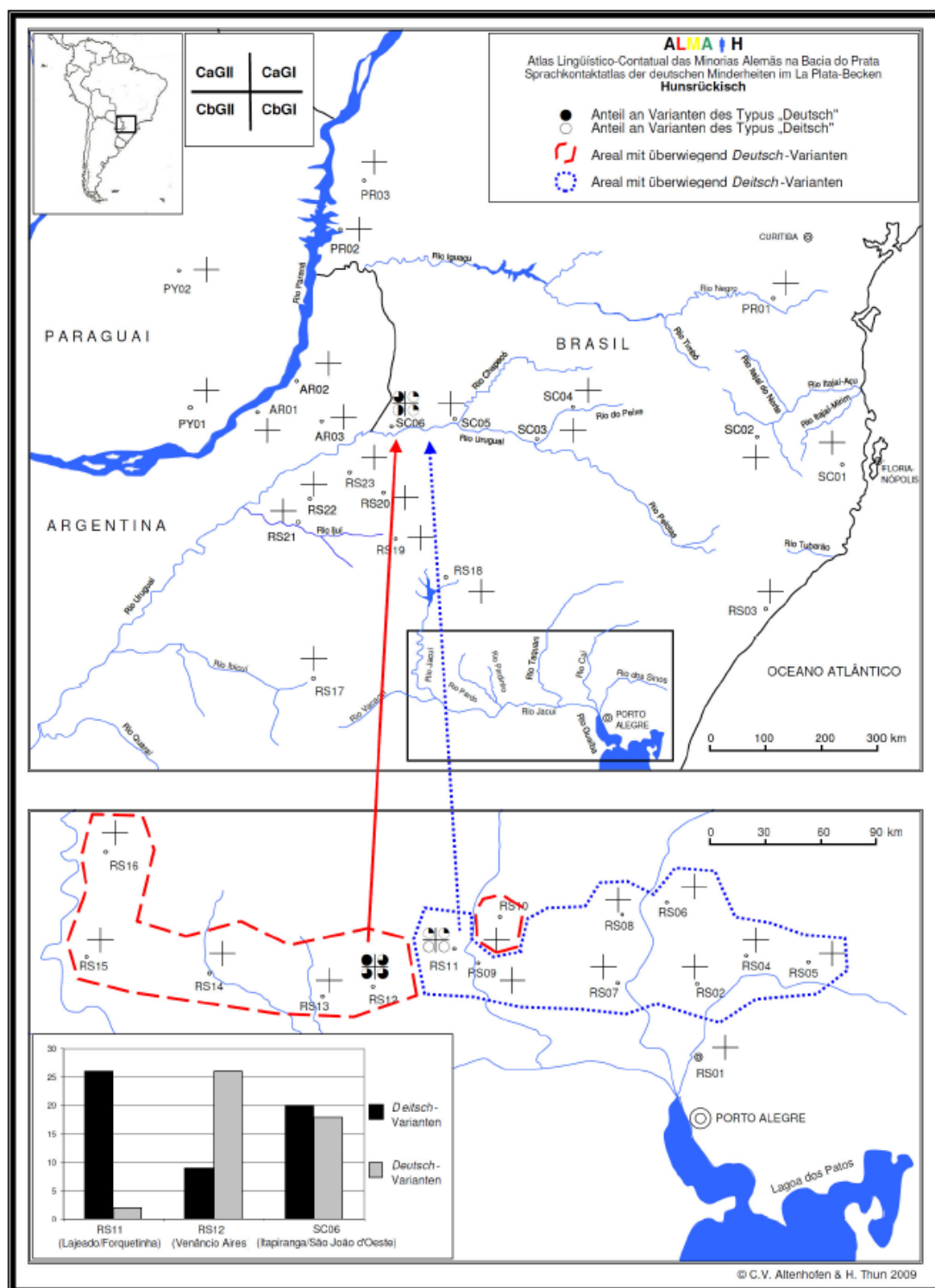
- FERGUSON, Charles A.. *Diglossia*, in: Anwar S. Dil (ed.). *Language Structure and Language Use*. Essays by Charles A. Ferguson. Stanford, CA.: Stanford University Press, 1971 [1959]. p. 1-26.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre : Editora da Universidade/ UFRGS, 1991.
- GILLES, Peter. *Die konstruktion einer Standardsprache. Zur Koinédebatte in der luxemburgischen Linguistik*. In: *Dialektologie zwischen Tradition und Neuansätzen. Beiträge der Internationalen Dialektologentagung*. Göttingen, 19.-21. Oktober 1998.
- HORST, Aline. *Sobre o projeto “educação continuada da cultura vestfaliana para professores do município de Westfália”*. In: FARENZENA, Nalú. (org.). *VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 113-121
- INSEL, Claire E. *Shifting Publics and Shifting Alignments in a Sprachinsel of Southern Brazil*. Tese de Doutorado. Michigan: University of Michigan, 2011.
- KLAUCK, Samuel. *O apostolado da imprensa: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934)*. UFPR. Curitiba, 2009.
- KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. *Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua*. In: *Linha d'Água*, n. 26 (1), p. 153-174, 2013.
- KOCH, Walter. *A escola evangélica teuto-brasileira*. In: FIORI, Neide Almeida et al. (orgs.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Tubarão: Ed. Unisul, 2003. p. 193-207.
- KREUTZ, Lúcio. *Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*. In: *Revista Brasileira de Educação* (orgs.). São Leopoldo: UNISINOS, 2000. p. 159-176.
- KREUTZ, Lúcio. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 1994.
- LANDRY, R., & BOURHIS, R.. *Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study*, *Journal of language and Social Psychology*, 16 (1), 23-49, 1997. <http://dx.doi.org/10.1177/0261927X970161002>
- LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards - Dynamik von Varietäten*. In: SCHMIDT, Jürgen E., EGGERS, Eckhard & STELLMACHER, Dieter [orgs.]. *Moderne Dialekte- Neue Dialektologie*, Stuttgart, Franz Steiner, 2005. p. 253-265.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. Ed. Cortez. São Paulo, 2010.
- MEYER, Martina. *Deutsch ou Deitsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch rio-grandense em contato com o português*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Pesquisa.
- RAMBO, Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)*. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS) : Ed. UNISINOS, 2002[1937].

- ROCHE, Jean. *As bases físicas da ocupação do solo no Rio Grande do Sul*. In: AB'SÁBER, Aziz Nacib & ROCHE, Jean (orgs.). *Três estudos rio-grandenses*. Porto Alegre : Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Filosofia, 1966. p. 29-64.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre : Globo, 1969.
- STEFFEN, Joachim. *A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não padrão para a construção de comunidades multilíngues*. In: *Revista Contingentia*, v. 3, n. 2, p. 67-76, nov. 2008.
- STEFFEN, Joachim. *Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes*. In: *Norteamentos*. Mato Grosso: UNEMAT, 2013, p. 21.
- THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.
- THUN, Harald. *A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.
- THUN, Harald. *A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro: volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.
- WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., ilustr., rev. e ampl. São Paulo : Companhia Editora Nacional; [Brasília] : INL, 1980. [1946]

ANEXOS



Mapa 1 – Mapa da rede de 41 pontos do ALMA-H, com um total de 127 entrevistas (v. www.ufrgs.br/projalma)



Mapa 2 – Mapa com os tipos *deitsch* e *deutsch* retirado de Altenhofen (2013, p.17), em destaque os pontos RS11, RS12 e SC06.



Fig. 1 – Inscrição tumular no cemitério público de Curitiba (Fonte: Acervo ALMA)

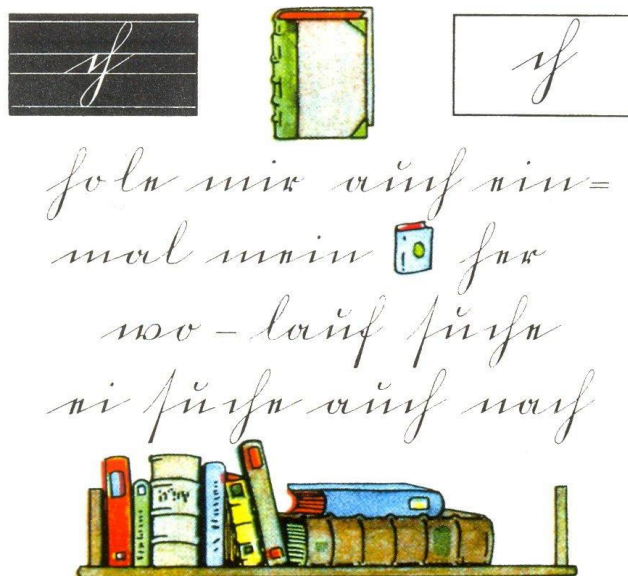


Fig. 2 – Livro didático (Fonte: Acervo ALMA)



Fig 3 – Lápides em localidades da rede de pontos do ALMA-H (Fonte: Acervo ALMA)



Fig 4 – Lápide em Santa Cruz do Sul (Fonte: Acervo ALMA) Trad. minha: "Cansaço e trabalho foi tua vida. Deus te deu descanso na lida"



Fig. 5 – *Wandschoner* (protetor de parede) – Trad. minha: “Espalha flores do amor durante tua vida e preservem-se do sofrimento do *coração*”. (Fonte: Acervo ALMA)



Fig. 6 – *Wandschoner* (protetor de parede) – Trad. minha: “Deus abençoe esta casa e todos nela entram e saem” (Fonte: Acervo ALMA)

Protokoll:
 Der Monatsversammlung welche abgehalten wurde
 am 8. September 1926.
 Mitt der Anwesenheit von 18 Mitgliedern
 eröffnete der Präsident die Versammlung,
 und bat den Schriftführer das Protokoll der
 letzten Versammlung zu verlesen, welches ange-
 nommen wurde. So dann schritt man zu

Protokoll der Monatsversammlung d. 2. Tagesmonats 1924
 Mit Anwesenheit von 14 Mitgliedern eröffnete
 der Präsident die Versammlung und bat den
 Schriftführer das Protokoll der letzten
 Monatsversammlung zu verlesen, welches
 einstimmig angenommen wurde.

eröffnete

Fig. 7 – Excerto de ata de uma sociedade comunitária, em Ivoti (Fonte: Acervo ALMA)

1914
 D148-01.77
 Letzte Zug 26. 11.
 G. 26. 11. 1914.
 Herr Herrschel Faulhaber
 Neu Württemberg

Herr Herrschel Faulhaber!

Als ich die Nachricht erhielt, dass Sie sich
 nach Amerika begeben, habe ich mich sehr
 freuen können, dass Sie sich dort
 ein gutes Leben machen werden.
 Ich wünsche Ihnen viel Glück und
 Erfolg in Ihrer neuen Heimat.
 Ihre ganz ergebene Dienerin
 Frau Anna Faulhaber

Holla immer der Herr Herrschel Faulhaber
 nach, so geht es für die Gemeinschaft
 nach.

Teutonia, den 28. März 1923.
 D148-01.74

Sehr geehrter Herr
 Herr Herrschel Faulhaber
 Neu Württemberg

Hiermit möchte ich Sie freundlichst
 ersuchen, das Stück Land im Lila Fa-
 quender Nr. 2, welches Ihnen abgekauft
 habe, an Herrn Wilhelm Osterkamp
 zu übertragen.
 Die Auslagen die hiervon erste-
 hen, wird mein Bruder Reinhold
 Ihnen ersetzen.
 Zudem ich Ihnen für Ihre
 Bemühungen im voraus bestens
 verbunden bleibe, stehe ich Ihnen
 gerne zu Diensten bereit.
 Es zeichnet
 Hochachtungsvoll
 Ernesto Michel

Herr Herrschel Faulhaber
 Neu Württemberg

Fig. 8 – Cartas de imigrantes dos 1914 e 1923 (Fonte: Acervo ALMA)